

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 07
14 de dezembro de 2022



De São Francisco a Chesterton, uma peregrinação cristã pelo fascínio do real

Núcleo Fé e Cultura

O Prof. Marcos Aurélio Fernandes, da UnB, vem nos oferecendo, nestes Cadernos Fé e Cultura, uma série de artigos sobre a mística e a espiritualidade de São Francisco de Assis e do franciscanismo. Nesta edição, propôs-nos uma interessante reflexão sobre o “paradoxo de São Francisco”, remetendo-nos ao livro escrito sobre ele por Gilbert Keith Chesterton (1874-1936). Nasceu daí a ideia de fazer esta edição dedicada ao grande escritor católico inglês.

Nos últimos anos, Chesterton se consolidou como um dos pensadores católicos mais populares no Brasil. Com isso, diversas editoras se interessaram em traduzir e publicar suas obras, vem sendo promovidos cursos e encontros voltados a suas ideias. Seu nome passou a figurar entre as referências de dezenas de trabalhos acadêmicos. Contudo, é preciso reconhecer: foi, principalmente, por meio das redes sociais que Chesterton se tornou um pensador conhecido no Brasil.

Nessas redes, as páginas voltadas à divulgação de trechos extraídos dos seus livros somam mais de 100 mil seguidores. Como muitos têm acesso aos escritos do pensador inglês apenas por meio dessas publicações, Chesterton passou a ser tratado como “um grande frasi-ta”. Mas foi, na realidade, um autor prolífico. Escreveu dezenas de livros e milhares de artigos, com os mais variados temas, incluindo contos, romances, crítica literária, ensaios, biografias etc. Como intelectual público, muito reconhecido ainda em vida, se posicionou e escreveu sobre os problemas sociais, sendo um dos grandes propositores do distributismo, baseado na Doutrina Social da Igreja, tema do artigo, neste Caderno, de Rhuan Reis do Nascimento.

Chesterton foi o mais famoso “apologeta” cristão do século XX. Nestes tempos, carregados de cancelamentos culturais e ressentimentos, criou-se contudo uma visão distorcida da apologética cristã, como se a defesa da fé tivesse que ser movida pela raiva e por discursos agressivos, voltados ao achincalhamento de quem não compartilha uma visão



Arte: Sergio Ricciuto Conte

cristã de mundo. Chesterton não é assim. Sua ironia e mordacidade não é cáustica e destrutiva, mas carregada de alegria e até de um certo espírito fraterno. Seu mais famoso personagem, Padre Brown, o detetive, conseguia descobrir os criminosos porque se imaginava capaz de ser como eles. O verdadeiro defensor da fé não se considera melhor do que os outros, esforça-se para comunicar uma beleza, mesmo se precisa denunciar um erro.

Há poucos anos, o colunista Marcelo Coelho, declaradamente agnóstico, [escreveu](#) na *Folha de S. Paulo*: “Depois de tantos livros recentes a favor do ateísmo, ler uma defesa da religião católica pode ser desafio interessante – e acaba de ser publicado no Brasil um dos textos mais originais e vertiginosos que conheço sobre o assunto. Trata-se de *Ortodoxia*, escrito por G.K. Chesterton [...] O que torna *Ortodoxia* fascinante é que seu autor não apela a nenhum

dogmatismo para defender o dogma. Chesterton invoca apenas a sua intuição pessoal, o seu bom senso, a sua experiência da realidade... E, como sua intuição, seu bom senso e sua experiência da realidade não são os de um homem comum, mas, sim, os de um poeta e ficcionista, Chesterton acaba produzindo uma obra espantosa, tão cheia de paradoxos, encantamentos e implausibilidades quanto um romance de ficção científica ou um conto de literatura fantástica [...] Chesterton não se dirige aos crentes e dificilmente persuadirá os descrentes. Ele não escreve para ateus ou religiosos, mas para outro tipo de pessoas: as pessoas felizes”.

Temos, então, um fio condutor pouco evidenciado que une São Francisco a Chesterton. Apesar das incontáveis diferenças entre o santo medieval e o irônico apologeta contemporâneo, ambos nos revelam um Cristianismo fascinante, um mundo inundado pela beleza do Mistério

de amor que o criou. Como no livro citado no início dessa apresentação, o paradoxo do alegre defensor da fé, num mundo que abandonou o Cristianismo por medo justamente de perder sua alegria de viver, se encontra com o paradoxo do santo apaixonado pela pobreza, que fascina um mundo magnetizado pela riqueza.

Não poderíamos deixar de agradecer a Gabriel de Vitto, do site [A outra via](#), Rodrigo Naimeyer dos Santos e à [Sociedade Chesterton Brasil](#) pela colaboração que tornou possível este Caderno. Que o nosso encontro com a herança deixada tanto por São Francisco quanto por Chesterton represente uma ocasião para nos descobrirmos pessoas mais felizes.



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com os artigos e acesso aos links citados.

No século XX, um divertido e sábio cristão feliz

Rodrigo Naimayer dos Santos*

G.K. Chesterton, o mais famoso apologista do Cristianismo no século XX, era um homem cheio de ideias divertidas e paradoxais. Um homem marcado pela alegria de viver, maravilhado pelo amor de Deus que se manifesta nas coisas grandes e pequenas do cotidiano.

Gilberth Keith Chesterton nasceu em Kensington, Londres, em 29 de maio do ano de 1874. Foi educado em casa na primeira fase de sua formação. Geralmente antes de irem para uma escola, as crianças aprendiam a ler e escrever, (em mais de uma língua inclusive) e os principais elementos das matemáticas, assim como cultura literária e religiosa.

Seu pai, Edward Chesterton, tinha uma invejável cultura literária e transmitiu isso ao filho. Dessa forma, a infância de Chesterton foi preenchida com as grandes narrativas dos mais diversos gêneros, concedendo-lhe um imaginário poderoso, alimentado de poesias e trechos celebres da literatura, aprendidos de cor. Essa foi a base para uma visão de mundo singular que o acompanharia durante toda a vida.

No arco de tempo em que esteve na fase final da escola e no início da faculdade de artes, nosso autor entra em contato com as diversas tendências ideológicas e filosóficas, muitas delas sofrendo da falta de sentido. O que Chesterton encontra é um vazio existencial profundo, muito distante daquilo que tinha sido sua vida na infância o que quase extinguiu a chama da imaginação e da verdade.

Como Chesterton saiu desse dilema existencial? Em grande parte, a lucidez do homem está relacionada ao grande número de respostas que ele havia armazenado. Chesterton dizia que os contos de fadas e as grandes histórias nos dão uma série de respostas para perguntas que ainda não surgiram para nós. A saída do dilema existencialista, para Chesterton, se deu por meio de um duplo movimento que iria marcar todo o seu pensamento: a gratidão e a risada.

Para quem já leu o capítulo “Ética do País das Fadas” do livro *Ortodoxia* (São Paulo: Principis, 2020), fica patente como para o autor londrino a fonte de todo o sentimento de monotonia é se acostumar a tudo. Os contos de fadas têm o papel de renovar em nós o espírito de deslumbramento em relação ao mundo. Assim, falamos em nossos contos de maçãs douradas, pois nos esquecemos de quando ficávamos encantados por elas serem vermelhas.

Esse não é nenhum processo escapista para fazer a vida suportável, mas Chesterton, de fato, crê que o mundo é deslumbrante justamente por não ser necessário. Deus é o único necessário, e o mundo é fruto da sua liberdade que quis criar sem precisar criar. Assim, todas as coisas que Deus faz existir com sua vontade criadora, são, na verdade, maravilhas salvas do mar do nada pelo amor de Deus.

Para falar de Chesterton e a risada, vale a pena falar dele como “príncipe dos paradoxos”. Gilbert sempre os fazia e muitas vezes arrancava risadas de quem lia ou ouvia, pois tinham o efei-

O convertido

Depois de um momento em que inclinei minha cabeça
O mundo inteiro virou e ficou de pé,
E eu saí onde a velha estrada brilhava branca,
Eu andei pelos caminhos e ouvi o que todos os homens disseram,
Florestas de línguas, como folhas de outono por cair,
Sem ser desagradáveis, mas estranhas e leves;
Velhos enigmas e novos credos, não desrespeitosos
Mas suaves, como os homens sorriem sobre os mortos.

Os sábios têm centenas de mapas para dar
Que traçam seu cosmo rastejante como uma árvore,
Eles chacoalham a razão através de muitas peneiras
Que armazenam a areia e soltam o ouro:
E todas essas coisas são para mim menos que pó,
Porque meu nome é Lázaro e estou vivo.

Poema de G.K. CHESTERTON, escrito por ocasião de seu Batismo (1922)



Uma palavra de esperança

Quando as nossas esperanças pelos tempos vindouros são perturbadas por dúvidas e ansiedades, quando a paz nos parece caótica, lembremo-nos de que a nossa decepção é em verdade uma ilusão. O nosso resgate é que é uma realidade. Os motivos que temos para sentir gratidão estão sempre acima das forças de que dispomos para agradecermos. As coisas novas são feitas num sopro de humildade elevada à nobreza, até mesmo de um temor que é também nobre. Nós enchemos as coisas de adornos nos momentos em que mais as amamos. E nós as amamos mais quanto mais as tenhamos quase perdido.

Trecho do artigo de G.K. CHESTERTON, *Negative and Positive Morality* (Illustrated London News, 3 de janeiro de 1920)

to de uma verdadeira peripécia de malabarista, porém feita com as ideias. A simpatia e camaradagem de Chesterton, com grandes opositores em debate era celebre. Um homem que não se levava a sério, mas levava a sério as coisas sérias como amizade, lealdade, cavalheirismo e, para além disso tudo, a verdade.

Em 28 de junho de 1901, Chesterton se casa com Frances Blogg. Frances não era apenas a mente que organizava a agenda de nosso autor, mas era sua confidente, companheira e amiga de maneira que podemos pensar que Chesterton não seria a mesma coisa sem Frances, especialmente do ponto de vista da fé, uma vez que ele, superando o ateísmo, não havia, contudo, decidido por uma religião institucional. Frances, que era ativa em sua comunidade anglicana, atrai Chesterton para uma definição religiosa como cristão.

Em 1902, Chesterton estreia no mundo jornalístico e suas posições são instigantes e provocativas. Assinando como G.K.C., em pouco tempo haverá alvoroço para saber quem é o dono de tal sigla.

A vida de Chesterton foi marcada por grandes amizades, feitas entre cor-religionários e opositores. Dois grandes exemplos são Hillaire Belloc e Bernard Shaw. O primeiro será o parceiro de toda uma vida de empreitadas. Já o segundo, talvez seja uma das pessoas que mais discordava de Chesterton.

Algumas de suas obras mais conhecidas são provavelmente, *Ortodoxia* e *O homem que era quinta-feira* (Gaeiras, Portugal: Alêtheia Editores, 2013) ambas escritas em 1908. Nessa obra, ele apresenta o que seria sua filosofia mediante uma provocação.

Em 1911 é publicada a coletânea de contos policiais *A inocência do Padre Brown* (Porto Alegre: L&PM Editores, 2010), livremente inspirado no grande amigo de Chesterton, o Padre John O’Connell. O Padre Brown, detetive do livro, utiliza seu vasto conhecimento da natureza humana obtido no confessionário, para desvendar crimes e mistérios.

Em 1922, ele irá publicar, no mesmo ano em que se batiza e entra formalmente para a Igreja Católica, sua celebre biografia de *São Francisco de Assis* (Campinas: Ecclesiae, 2014).

Em 1925, ele publica *O homem eterno* (São Paulo: Principis, 2021), considerado por C.S Lewis o melhor livro de defesa do Cristianismo que já havia lido.

Chesterton morreu de insuficiência cardíaca no dia 14 de junho de 1936. Sua morte causou uma grande comoção e o Papa Pio XI em um telegrama o chamou “Defensor da fé”.

* Seminarista da etapa do discipulado da Arquidiocese de Porto Alegre. Bacharel em História pela PUC-RS. Cofundador do Instituto Hugo de São Vitor e Presidente da Sociedade Chesterton Brasil.

O distributismo de Chesterton

Rhuan Reis do Nascimento*

Distanciando-se tanto do capitalismo quanto do comunismo, Chesterton abraçou um pensamento político e econômico alicerçado na Doutrina Social da Igreja, numa posição que nos ajuda a entender como as opções políticas dos católicos podem superar os partidarismos e polarizações de nosso tempo

Com frequência, o escritor e jornalista inglês Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) é tratado como “um grande frasista”. De fato, de seus escritos saíram pérolas como: “Apaixonar-se por alguém é mais poético do que apaixonar-se pela poesia” ou “Há uma grande lição em *A bela e a fera*, que nos diz que algumas coisas precisam ser amadas antes de ser amáveis” (ambas do livro *Orthodoxia*, de 1910). Essas e outras frases de Chesterton, comumente encontradas em publicações de redes sociais ou em epígrafes de textos e cartas, tornaram o autor um dos intelectuais católicos mais conhecidos no Brasil.

Apesar da eficiência no que diz respeito à popularização do nome de um autor, há um grande risco de ser conhecido a partir de citações soltas. Tomemos, como exemplo, duas frases escritas por Chesterton sobre os problemas sociais de seu tempo: “O problema do comunismo é que ele apenas reforma o batedor de carteiras ao impedir a existência de bolsos” e “Aquilo a que chamamos de capitalismo deveria chamar-se proletarismo” (ambas do livro *The Outline of Sanity*, de 1926).

Em um contexto de polarização ideológica, é possível que um leitor, diante da primeira frase, veja Chesterton como um defensor do capitalismo. De modo parecido, um indivíduo que leia a crítica de Chesterton

ao capitalismo, exposta na segunda frase, pode, equivocadamente, lançar o autor inglês no balaio dos socialistas. Por isso, acreditamos que a propagação do pensamento chestertoniano deve ser acompanhada de um nível de aprofundamento que nos permita compreender minimamente como Chesterton via o mundo. Essa tarefa não é simples, uma vez que a obra do pensador inglês é numerosa e aborda uma grande quantidade de temas. Ainda assim, aceitamos o desafio de, por meio deste pequeno texto, apresentar as bases do ideal econômico defendido pelo autor: o distributismo.

Inspirado nos princípios apresentados pelo Papa Leão XIII na encíclica *Rerum novarum* (1891), o distributismo é uma teoria econômica e social que se opõe ao capitalismo e ao socialismo, e, como alternativa, defende uma sociedade composta por pequenos proprietários. Hilaire Belloc (1870-1953), historiador anglo-francês, foi o responsável pela elaboração do distributismo. Chesterton, por sua vez, foi quem mais escreveu textos e ministrou conferências sobre o tema.

Os distributistas afirmam que os problemas sociais modernos têm como base a concentração da propriedade dos meios de produção nas mãos de poucos capitalistas. Desse modo, aqueles que não possuem ter-

ra, capital e máquinas – a maior parte da população – são obrigados a trabalhar para um proprietário em troca de salários quase sempre insuficientes. Por esse prisma, Chesterton escreveu que o capitalismo deveria receber o nome de “proletarismo”. Afinal, não se trata de um sistema no qual se verifica a abundância de capitalistas, mas sim a escassez. Os proletários – compreendidos tanto como “assalariados”, quanto como “aqueles que só possuem a prole” – é que são maioria.

Da mesma forma, os distributistas negam o socialismo, que é compreendido como uma intensificação do problema capitalista. Isso porque, diante de uma sociedade empobrecida pela concentração da propriedade em poucas mãos, os socialistas pretendem centralizá-la ainda mais, só que nas mãos do Estado. Assim, desejam resolver o problema da distribuição da propriedade privada proibindo a propriedade privada. Ou seja: buscam reformar o ladrão de carteiras proibindo os bolsos.

Tal como Leão XIII, os distributistas compreendem que a propriedade privada não deve ser negada, pois está em conformidade com o direito natural. Em contrapartida, sabem que a propriedade está sujeita à função social. Por isso, condenam a acumulação, que só beneficia os poucos proprietários, defendem que

a propriedade deve ser acessível, em pequenas porções, ao maior número de pessoas possível.

Na perspectiva distributista, a propriedade não é um fim em si, mas uma condição para o exercício da liberdade. O homem que não possui os meios para sustentar a si e aos seus, tem a sua subsistência, e, por consequência, todas as suas escolhas sujeitas ao proprietário que o emprega ou ao Estado que o auxilia. Assim, advogar em prol da fragmentação e da difusão da propriedade é, para Chesterton, mais do que uma mera questão econômica, um imperativo para que os homens vivam de forma digna, democrática e feliz.

O livro organizado por A. Garcia da Silva e R.R. Nascimento, *Distributismo: economia para além do capitalismo e do socialismo* (Curitiba: Editora Appris, 2020), conta com a contribuição dos principais estudiosos do assunto no Brasil e oferece um roteiro para aqueles que quiserem conhecer as ideias econômicas de Chesterton para além de algumas frases soltas.

* Doutorando e Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Autor do livro *O Distributismo de Chesterton e Belloc* (São Paulo - SP: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2017) e organizador, com A. GARCIA DA SILVA, do livro *Distributismo: economia para além do capitalismo e do socialismo*. Curitiba: Editora Appris, 2020.

O místico e a realidade

O Cristianismo surgiu e se espalhou em um mundo muito culto e muito cínico – em um mundo muito moderno [...] Vale a pena notar que as religiões quase sempre surgem dessas civilizações céticas [...] É uma religião muito mística. Tem sido, no entanto, a religião da parte mais prática da humanidade. Tem muito mais paradoxos do que as filosofias orientais, mas também constrói estradas muito melhores [...] O cristão, repito, coloca o mistério em sua filosofia. Esse mistério, por sua escuridão, ilumina todas as coisas. Uma vez que isso lhe é concedido, e a vida é vida, e o pão é pão, e o queijo é queijo – ele pode rir e lutar. O determinista [Nota do Editor: aquele para o qual tudo é determinado pela matéria] faz questão da vontade lógica e lúcida, e, à luz dessa lucidez, todas as coisas são obscuras, as palavras não têm sentido, as ações não têm objetivo. Ele fez de sua filosofia um silogismo e de si mesmo um lunático ininteligível. Não se trata de uma questão entre o misticismo e a racionalidade. É uma questão entre o misticismo e a loucura. Pois o misticismo, e somente o misticismo, tem mantido os homens sãos desde o início do mundo. Todos os caminhos retos da lógica levam a algum hospício, ao anarquismo ou à obediência passiva, a tratar o universo como um relógio de matéria ou então como uma ilusão da mente. Só o místico, o homem que aceita as contradições, pode rir e caminhar sem dificuldade pelo mundo

(Trecho de CHESTERTON, G.K. *Why I Believe in Christianity*, comentando a obra de seu debatedor e amigo Robert Blatchford. Selecionado por Gabriel de Vitto).

O Cristianismo falhou?

Eu digo, e quero mesmo dizê-lo, que a Igreja Católica continua a aconselhar os homens como Jesus os aconselhou. E que houve um colapso do capitalismo por este não ter dado ouvidos ao catolicismo; exatamente como houve uma queda de Jerusalém por esta não ter dado ouvidos a Jesus [...] O líder da Igreja Católica, a quem chamamos Vigário de Cristo, emitiu uma proclamação comumente chamada de *Rerum novarum*, na qual afirmou três coisas: 1) que a concentração existente de riqueza no capitalista “impunha sobre os milhões trabalhadores um jugo pouco melhor que a escravidão”; 2) que não deveríamos buscar escapar disso por meio de uma concentração ainda maior no comunismo, vez que aí se negam até mesmo as formas naturais de propriedade, liberdade e moradia; 3) que, conquanto os assalariados tenham o direito de se ajuntar e mesmo de fazer greve, sob certas condições de justiça, seria melhor se “os pobres, tanto quanto seja possível, se tornassem donos”; isto é, pequenos capitalistas ou donos de meios de produção.

[...] Desafio qualquer um a mostrar que Cristo ou o Cristianismo falharam; salvo no sentido de que tudo mais falhou, assim que falhou em ouvir-Lhe os conselhos. Se, uma vez mais, nosso Senhor os pudesse dar pessoalmente, a coisa seria certamente mil vezes mais impressionante. Mesmo, porém, quando Ele o fez, a coisa não foi inteiramente bem recebida.

Trechos do artigo de G.K. CHESTERTON, *Our Tradition: If Christ Should Come* (*Good Housekeeping*, Abril 1932).

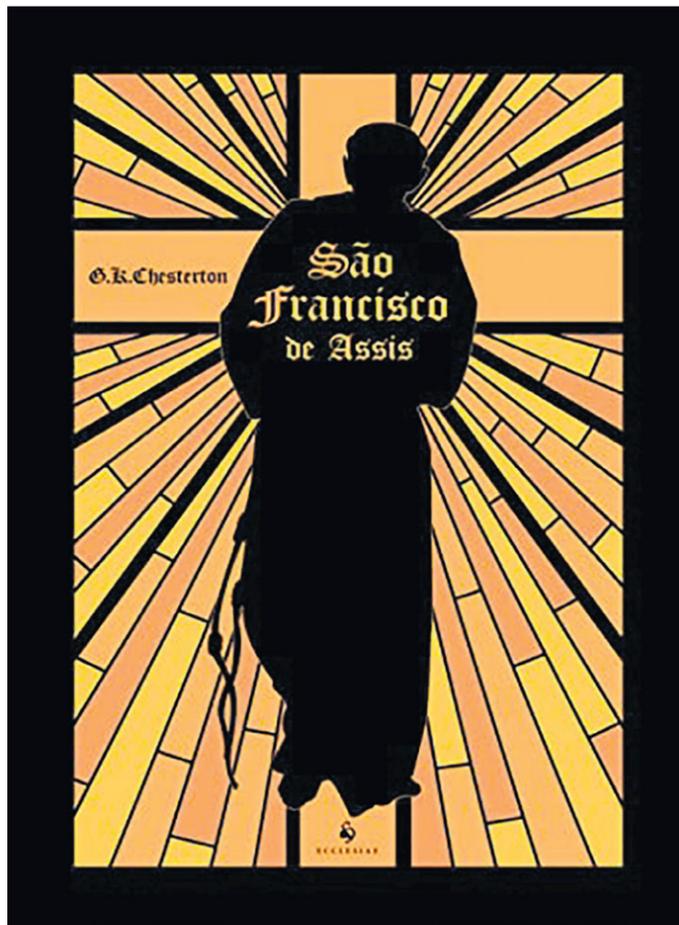
Em face de São Francisco e de seu paradoxo

Marcos Aurélio Fernandes

Em seu livro sobre São Francisco de Assis, G. K. Chesterton escreveu um capítulo preambular que se intitula “o problema de São Francisco”. Problema é aquilo que está à nossa frente como obstáculo. Para o ser humano moderno, São Francisco é um problema. Por um lado, São Francisco o atrai, como uma figura histórica na qual se refletem virtudes humanísticas, sociais, democráticas, ecológicas. Por outro lado, São Francisco o repele, pela sua religiosidade radical, pela sua austeridade ascética, por se mostrar como um homem de sofrimento, por sua identificação, pelos estigmas, com o Cristo Crucificado etc. São Francisco lhe parece paradoxal. Como pode um homem ser capaz da mais profunda fome da vida feliz e, ao mesmo tempo, de uma profunda sede de uma morte heroica? Nós, hodiernos, de fato, costumamos admirar e louvar as flores de jovialidade, de simpatia, de amor, de liberdade que São Francisco oferece-nos, mas receamos e repelimos o modo como elas se enraizam no chão sombrio da nossa humanidade, por uma vida de pobreza, humildade, obediência, austeridade, penitência.

O problema de São Francisco nos põe em face, pois, a um paradoxo. A palavra “paradoxo” pode ser tomada como contradição e como incongruência, inconsistência lógica. Mas a palavra “paradoxo” pode ser tomada no seu sentido originário: como o que transcende as aparências e os pareceres humanos usuais: algo de extraordinário, de maravilhoso. O nosso Guimarães Rosa disse, certa vez: “Tudo: a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que se possa exprimir algo para o qual não existem palavras” (LORENZ, G.W. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. São Paulo: E.P.U., 1973). Ora, a poesia é a linguagem do indizível. Talvez seja por isso que Chesterton nos dá uma senha para nos relacionar com São Francisco: ele era um trovador

A resposta de Chesterton à pergunta: O que torna São Francisco tão fascinante, apesar de seu estilo de vida parecer tão pouco atrativo aos nossos olhos de hoje?



CHESTERTON, G.K. *São Francisco de Assis*. Campinas: Ecclesiae, 2014.

– um trovador “de um romance novo e mais nobre”.

São Francisco foi um poeta, um cantador, um trovador, um arauto... do Grande Rei. Assim, ele se compreendeu e se anunciou no início de sua con-

versão, quando, vestido de andrajos e cantando os louvores de Deus em francês, foi assaltado por ladrões. Estes lhe perguntaram brutalmente quem ele era, “e ele respondeu com voz forte e confiante: Sou um arauto do grande Rei! Que é que vocês têm com isso?”. Por esta resposta, levou uma surra, e ficou jogado na neve, e lhe disseram: “Fica aí, pobre arauto de Deus” (CELANO, T. *Primeira Vida de São Francisco* 7, 16). Chesterton identifica o arauto com o trovador, o proclamador solene, o pregoeiro, com o trovador, o cantador-poeta. E, indo adiante, identifica o trovador com o amante. E eis aqui a senha decisiva: São Francisco foi um amante. “Um amante de Deus, e amante sincero e verdadeiro dos homens, possivelmente uma vocação mística muito rara” (*Idem*). Mas, nos adverte o inglês, Francisco não amou a humanidade como um filantropo. Amou os seres humanos. Do mesmo modo, não amou o Cristianismo, amou Cristo. Francisco não amou um ideário ou uma doutrina. Francisco amou pessoas: a pessoa de Jesus Cristo e as pessoas humanas que, a cada vez, ele encontrava. Era um ser humano de encontros pessoais profundos. Era um amante de amor ardente (os medievais diriam: seráfico).

Quando amamos, amamos antes de tudo o amor. A graça do amor, seu encanto, que merece ser cantado, está na gratuidade. São Francisco nos ensina a tornar a nossa vida um canto à gratuidade do amor. Nela está a riqueza essencial, que só os pobres do espírito podem fruir. O destino do ser humano sobre a terra hoje não depende de ele descobrir e amar esta riqueza ardentemente?

* Professor da Universidade de Brasília (Departamento de Filosofia). Possui graduação em Filosofia e Teologia, doutorado pela Pontifícia Universidade Antonianum (Roma). Dedicou-se à pesquisa na área de fenomenologia, de filosofia medieval, de filosofia da religião e filosofia da educação. É autor de *A clareira do ser* (Editora Daimon) e de vários capítulos de livros e artigos na área da filosofia.

O mundo sem Deus e o verdadeiro Deus

Sociedade Chesterton do Brasil

A seguir, apresentamos trechos de uma carta imaginária que o Cardeal Albino Luciani (Beato João Paulo I) escreveu a G.K. Chesterton, publicada no livro *Ilustríssimo amigos* (São Paulo: Loyola, 1979). A carta pode ser lida no site da Sociedade Chesterton Brasil, com tradução de Sândalo Cordeiro.

Caro Chesterton [...]

Se se remove Deus, o que resta, o que se torna o homem? Em que tipo de mundo nos permitiremos viver? Mas é o mundo do progresso, ouço dizer, o mundo do bem-estar! Sim; Mas esse famoso progresso não é tudo isso que se espera: ele porta consigo também os mísseis, as armas bacteriológicas e atômicas, o atual processo de poluição, todas as coisas que, se nada for feito a tempo, ameaçam levar a humanidade inteira a uma catástrofe. Em outras palavras, o progresso com homens que se amem, considerando-se irmãos e filhos do único Deus Pai, pode ser algo maravilhoso. O progresso com homens que não

reconhecem em Deus um único Pai torna-se um perigo contínuo: sem um paralelo processo moral, interior e pessoal, ele – o progresso – desenvolve, de fato, as mais selvagens inclinações do homem, faz dele uma máquina possuída por máquinas, um número manipulador de números, um bárbaro em delírio – diria Papini – que em vez do bastão pode servir-se da imensa força da natureza e da mecânica para satisfazer os seus instintos predatórios, destruidores e orgíacos.

Eu sei: muitos pensam ao contrário de você e de mim. Pensam que a Religião seja um sonho consolador: a teriam inventado os oprimidos, imaginando um outro mundo inexistente, onde encontrar mais tarde o que hoje lhes roubam os opressores. Teriam-na organizado, tudo em proveito próprio, os opressores, para terem ainda sob os pés os oprimidos e adormecer neles aquele instinto de classe, que, sem a Religião, levaria à luta. Inútil recordar que a própria religião cristã favoreceu o despertar da consciência proletária, exaltando os pobres e anunciando uma justiça futura. Sim – respondem – o Cristianismo desperta a consciência dos pobres, mas depois a paralisa, pregando a paciência e substituindo a luta

classista pela confiança em Deus e a reforma gradual da sociedade!

[...] Aquele que muitos combatem não é o verdadeiro Deus, mas a falsa ideia que se faz de Deus: um Deus que protege os ricos, que somente pede e reivindica, que seja invejoso no nosso progresso em bem-estar, que do alto espia continuamente os nossos pecados para ter o prazer de nos castigar! Você sabe, Deus não é assim: mas justo e bom ao mesmo tempo; pai também dos filhos pródigos, que quer não mesquinhos e miseráveis, mas grandes, livres, criadores do próprio destino. O nosso Deus é tão pouco rival do homem que o desejou como seu amigo, chamando-o a participar da própria natureza divina e da própria eterna felicidade. E não é verdade que Ele espera de nós exageradamente: contenta-se, ao contrário, com pouco, porque sabe bem que não temos muito.

Caro Chesterton, eu sou convicto com você: esse Deus se fará conhecer e amar sempre mais, por todos, inclusive aqueles que hoje o rejeitam; não porque são maus (são talvez melhores do que nós dois!), mas porque o veem de um ponto de vista equivocado! Eles continuam a não crer Nele? E Ele responde: Sou Eu que acredito em vocês!